



Cultura Negra: A abordagem da história do negro na cidade de Porto Alegre.

Dóris Bittencourt Almeida**

Josiane Braga Rodrigues*

Resumo: Este trabalho apresenta o relato de uma experiência de docência compartilhada, constituída por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) – Pedagogia/UFRGS, desenvolvidas em uma escola da rede estadual de ensino localizada em Porto Alegre/RS. O projeto sobre o tema do patrimônio cultural foi iniciado em 2012, a partir das memórias dos alunos e da escola. Em 2013, estão sendo apresentadas situações de aprendizagem, valorizando a participação do negro na história da cidade de Porto Alegre, em que se procura despertar nos alunos dos anos iniciais o gosto pelos estudos de História. Nas propostas de atividades integradoras, o PIBID tem dado ênfase aos elementos da cultura negra que permaneceram ao longo do tempo na formação das famílias, nas relações comerciais e na organização da cidade. A ideia é fomentar nos alunos a curiosidade a respeito da temática, estimulando-os a pesquisar e participar das aulas, inserindo-os na sua própria história.

Palavras Chave: PIBID. Cultura negra. História de Porto Alegre. Docência Compartilhada

Abstrat: This paper reports the experience of teaching shared, consisting Fellows Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) - Education / UFRGS, developed in a state school education located in Porto Alegre / RS. The project on the theme of cultural heritage was initiated in 2012, from the memories of the students and the school. In 2013, are presented learning situations, enhancing the participation of black history in the city of Porto Alegre, which seeks to foster in students the early years a taste for history studies. The proposed integrative activities, the PIBID has emphasized the elements of black culture that remained over time in the formation of families, in trade and in the organization of the city. The idea is to foster in students the curiosity about the subject, encouraging them to search and participate in class, inserting them in your own story.

Keywords: PIBID. Black culture. History of Porto Alegre. Shared teaching

** Coordenadora PIBID Pedagogia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora na Faculdade de Educação na UFRGS almeida.doris@gmail.com

* bolsista PIBID Pedagogia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul



O PIBID Pedagogia

O artigo apresenta uma experiência de docência referente ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID/UFRGS) que objetiva o desenvolvimento de ações em escolas da rede pública estadual, procurando atender as demandas das instituições de ensino parceiras. A proposta do PIBID promove o exercício da docência compartilhada, ou seja, o planejamento e as ações desenvolvidas acontecem no coletivo. Embora sejam orientadas tanto na universidade quanto na escola que os acolhe, não há protagonismo individual: uma bolsista aprende com a outra, torna-se responsável pelo grupo, praticando a solidariedade no cotidiano da sala de aula. Este exercício de docência faz pensar a profissão de professora, tradicionalmente solitária, faz pensar no quanto o trabalho em uma perspectiva coletiva é rico por oportunizar o crescimento de todos e, ao mesmo tempo, exigir comprometimento com a proposta educativa. Entendemos que essas são experiências importantes que possibilitam a troca de saberes e colaboram no processo formativo das bolsistas deste Programa.

Aqui neste texto, o propósito é refletir acerca das ações desenvolvidas pelo PIBID Pedagogia na Escola Estadual de Ensino Fundamental Venezuela, localizada no Bairro Medianeira, município de Porto Alegre. Próximo à escola estão as comunidades das Vilas Cruzeiro e Tronco, lugares de onde vêm a maioria dos alunos. Sobre a situação dos alunos, há questões importantes a destacar. Alguns deles são moradores de abrigo, afastados dos pais pela Justiça. Outros moradores da Vila Tronco vivem na iminência de serem despejados das suas residências por consequência das obras para a Copa do Mundo em 2014 no Brasil. Cumpre acrescentar a grande quantidade de estudantes negros na escola, tema que nos move a pensar em possibilidades de discussão das histórias do povo negro em Porto Alegre. Todas essas são questões que nos sensibilizam e nos instigam a buscar um planejamento que, de alguma forma, procure contemplar a diversidade vivida dentro da instituição escolar.

Sobre a história do Venezuela, destaca-se que a instituição de ensino foi criada a pedido dos moradores dos bairros Teresópolis e Glória, diante da necessidade de aumentar o acesso à escolarização naquela região da cidade. No início, chamava-se Grupo Escolar Glória. Em 1937, mudaram o nome para Grupo Escolar Protásio Alves, porém, em função do dia do pan-americanismo em 1939 a escola passou a chamar-se Grupo Escolar Venezuela, sendo uma maneira de homenagear o país vizinho do Brasil. Nos documentos e registros da escola, encontram-se fotos e telegramas que se referem à história da escola e sua relação com o país Venezuela.



A escola atende alunos da educação infantil até o último ano do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde, abrangendo alunos de cinco a quinze anos. Na estrutura física, observa-se a amplitude do espaço, dividido em três partes: dois pavilhões principais e uma área destinada à educação infantil. Há dois pátios centrais, em um deles se encontra a quadra esportiva e ali são realizadas as aulas de Educação Física, e outro que é destinado à circulação e recreação dos alunos do ensino fundamental.

No prédio principal ficam: as salas de aula, o auditório, um ginásio, a biblioteca, uma sala de informática, a sala dos professores, a secretaria e salas destinadas à equipe diretiva. Nos corredores da escola, há cartazes com regras destinadas aos alunos cumprirem e produções, como cartazes expostos, de algumas turmas da escola. Alguns lugares como a biblioteca, sala de artes e auditório, bem como as salas de aulas, estruturalmente necessitam de reformas, pois se encontram em situação precária, em muitos casos desmotivando docentes e discentes a utilizar de outras formas os espaços da escola.

A gestão da escola é composta por uma diretora, duas vice-diretoras, sendo que uma atua no turno da manhã e a outra no turno da tarde. A vice-diretora cumpre também a função de coordenação pedagógica, há também duas orientadoras educacionais, uma atua pela manhã e outra no turno da tarde.

O PIBID Pedagogia realiza suas atividades com três turmas do quarto ano do ensino fundamental. Além de ser uma maneira de auxiliar os bolsistas na sua formação acadêmica, as ações planejadas pelo PIBID contribuem para o desenvolvimento de alguns saberes, talvez pouco explorado pelo currículo escolar.

A inserção do PIBID Pedagogia na escola

O PIBID Pedagogia iniciou o trabalho nessa escola em 2012, apresentando a temática “Memórias, patrimônio cultural material e imaterial”, quando se procurou introduzir o conceito de patrimônio a partir das memórias pessoais dos alunos. Na sequência, trabalharam-se as memórias da escola. Essas abordagens permitiram que o conceito de identidade fosse discutido, afinal memória e identidade são conceitos que se aproximam. Quando nos perguntamos quem somos, é pela memória que vamos configurando algumas respostas a essa pergunta. O tema em questão também permitiu que pudéssemos refletir com os alunos acerca das identidades brasileiras, incluindo a participação dos povos afro- descendentes e indígenas.



O propósito de atribuir valor às memórias dos alunos teve a intenção de fomentar a ideia de que todos somos partícipes e fazedores da História, ou seja, as trajetórias vividas não são puramente individuais, entrelaçam-se às trajetórias de outras pessoas com quem convivemos, sejam pais, irmãos, avós, vizinhos, colegas, por exemplo. Assim, as histórias vividas pelos alunos da escola foram a referência para iniciar uma reflexão sobre identidades e patrimônios.

Ao incentivar os alunos a partilharem suas vivências com colegas, as bolsistas do PIBID promoveram a construção do conceito de alteridade, manifesto pelo interesse por escutar as narrativas de quem está a seu lado. Sabemos o quanto é complexa a compreensão da alteridade, pois é preciso que o sujeito exercite o descentramento e tente se colocar no lugar do outro. Entendemos que propostas de ações que contribuam para esse exercício podem ajudar na luta por um mundo menos individualista e desigual, com espaço para aceitação da diversidade, busca pela solidariedade e acolhimento ao outro.

Outro aspecto importante a mencionar é que essas propostas mostraram aos alunos que a História não é feita exclusivamente pelos chamados *grandes homens*, ela deixa de ser apenas *a História dos outros*. Todos fazem parte da história, que não deve ser vista como privilégio de um setor específico da sociedade.

Dessa forma, as aulas foram desenvolvidas com atividades que promovessem a construção desses conceitos. A leitura do livro Guilherme Augusto Araujo Fernandes (Fox, 2009) foi um dos elementos que serviram de apoio para o trabalho ser realizado. O livro conta a história de um menino, Guilherme Augusto, que mora ao lado de uma casa de idosos e com eles mantém uma relação de amizade. O menino tenta ajudar uma das moradoras, a senhora Antônia Maria Diniz Cordeiro, que havia *perdido a memória*. Mesmo sem entender ao certo o significado de memória, Guilherme tenta ajudar a amiga, questionando vários moradores sobre o que seriam as memórias. O menino constrói um baú com vários objetos, que tinham algum significado para os moradores do asilo representando o que é memória. Para um era algo quente, para outro era algo antigo e, assim, cada idoso conta o que entende sobre o tema em questão. Guilherme, a partir daquilo que ouviu, escolheu objetos que representassem o que foi dito e os mostrou à D. Antonia que, então, começou a se lembrar de histórias da sua vida. Os objetos transformaram-se em evocadores de memória.

Para que a leitura promovesse maiores significados, pedimos que cada uma das crianças procurasse em sua casa objetos que para eles eram importantes, pois contavam algo sobre a sua infância, de alguma forma constituindo suas identidades. Muitos alunos se



empenharam na execução da tarefa. Alguns levaram brinquedos, roupas de bebê, fotos e objetos de seus pais ou avós que fazem parte das suas memórias. Um dos objetos mais curiosos foi de um aluno que quis levar a dentadura da avó. Quando questionado sobre essa escolha, relatou que se lembrava da avó que cuidou dele quando pequeno, mas já havia falecido. O exercício da busca pelas memórias materiais foi uma maneira de trabalhar os valores dos alunos, fazendo-os perceber que eles fazem parte de uma história desde o momento que nasceram.

Como já anunciado, nesta escola existem alguns alunos que estão em abrigos, em muitos casos não vivem com os pais há bastante tempo. Por isso, ao trabalhar as memórias, procuramos ser sensíveis a essas situações, questionamos sobre o que hoje faz parte da vida deles, que os remete a uma história, contando algo de quem eles são. Explicamos para os alunos que a memória não está somente ligada a objetos antigos, mas que ela também é sensorial provocada por sons, imagens, sabores, aromas podem ser elementos que nos remetem a lembranças antigas. Assim, orientamos os alunos que não possuíam um objeto da infância, que escrevessem alguma lembrança da sua vida.

Na sequência das atividades propostas, a ideia era abordar um pouco da história da escola, discutindo em aula aspectos, tais como o que havia ali naquele lugar em outros tempos, como foi a sua fundação e a sua significação na comunidade na qual se insere. Procuramos trazer alguns fragmentos da história da escola através da pesquisa em documentos que encontramos, mostrando aos alunos que as memórias da escola estavam em arquivos e registros históricos de valor para a comunidade em que ela faz parte.

Para situar os alunos e explicar sobre as origens da escola, foi proposta uma atividade em que investigassem a esse respeito. Dispusemos pistas com informações sobre a história do Venezuela. Alguns alunos conseguiram identificar algumas dessas pistas, distinguindo facilmente, outros não sabiam muitas informações sobre o local, por falta de conhecimento. Nossa intenção foi no sentido de tornar conhecida a história do lugar aonde estudam, mostrando aos alunos que até mesmo um prédio possui uma memória, estando ligada à região e às pessoas que a integram.

Ao contextualizar a história da escola, as ideias de patrimônio material e imaterial foram apresentadas, levando as turmas a entender os elementos que classificam esses conceitos. No exercício de pensar sobre a escola, seja como espaço físico ou importância na comunidade, entendemos que conhecê-la foi uma maneira de trabalhar os conceitos de patrimônio cultural, especialmente a valorização do espaço material e imaterial.



A temática de patrimônio material e imaterial trata das lembranças que constituem cada pessoa, sejam elas de poder público ou pessoal. O patrimônio material está relacionado a construções de prédios, monumentos e expressões artísticas que revelam características específicas de um lugar, pessoa ou povo, tendo um significado próprio para quem o integra. O patrimônio imaterial é um conceito formado pelas histórias de cada comunidade, expressando o modo de falar, de ser e de viver, relacionando-se com as atividades culturais que demonstram como é a sociedade que o integra. Festas, músicas, danças, literaturas e comidas típicas são exemplos de patrimônio imaterial. Ao inserir os alunos neste assunto, provocamos a buscar na cidade onde moram as manifestações do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, através das vivências que eles têm.

Em 2013... Outras histórias

Nesses escritos, procuramos refletir acerca das ações que o PIBID Pedagogia desenvolveu no primeiro semestre de 2013 na Escola Venezuela. Considerando o trabalho anterior que valorizou as memórias individuais e da escola, elegemos, a partir daí, discutir o lugar do negro na história da cidade, ou seja, sua importância no contexto de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Ao priorizar esse estudo, a intenção foi despertar nos alunos dos anos iniciais de escolarização o gosto pelos estudos de História, pois o tema escolhido dialoga diretamente com as suas histórias de vida, uma vez que as ancestralidades africanas são marcas étnicas que constituem a todos nós, brasileiros e brasileiras.

Para desenvolver este assunto, fizemos algumas leituras, com destaque para o livro “Colonos e quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre” (SANTOS, 2010) que permitiu um maior conhecimento da história dos negros em diferentes lugares da cidade. Os Bairros Bom Fim, Cidade Baixa, Mont’ Serrat, são exemplos de regiões que conservam marcas da presença dessa população. Além disso, nos chamou a atenção as comunidades quilombolas que resistem em ocupar espaços no cenário da cidade e, por vezes, parecem invisíveis em meio as transformações urbanas da capital do RS. Outro aspecto, importante é o vídeo “Zumbi somos nós”¹ que mostra, entre outras coisas os preconceitos vividos pelos negros em diferentes partes do mundo, como na Alemanha, Estados Unidos e no Brasil.

¹ www.youtube.com/watch?v=xKVdf3Enu0



A proposta de abordar as histórias do povo negro se constituiu em um desafio que corresponde ao desejo intenso de que as aulas possam ser configuradas como espaço de acolhida diante da multiplicidade das identidades daqueles e daquelas que estão na escola. A escolha por essa temática evidencia a necessidade de tornar conhecida essas histórias silenciadas, mas que ainda permeiam a cultura da região e se fazem presentes, mesmo que ocultamente, na vida das pessoas. Talvez esse seja um dos maiores méritos do PIBID Pedagogia: trazer para a sala de aula essas discussões ainda pouco estimadas pelas prioridades curriculares. Essa é uma forma das aulas agregarem sentidos aos alunos, ao perceberem que as histórias de suas ancestralidades estão sendo contempladas como saber escolarizado. Segundo Silva, existe para as crianças “um tempo que é destinado à escola que pode ser melhor aproveitado com outras histórias que possibilitem a abertura de novos caminhos na construção de suas identidades”. (2002, p. 115).

Os encontros se caracterizam com o diálogo entre bolsistas professoras e alunos, tendo como recurso a exibição de vídeos e fotos que contextualizam o tema, tornando visível o assunto falado. Os relatos dos acontecimentos históricos, seja ao narrarmos sobre uma igreja ou uma guerra, se tornam mais lúdicos com a utilização de recursos que contribuam para um melhor entendimento. Após as aulas expositivas e dialogadas, os alunos, normalmente, são orientados a registrar o que ouviram, são conduzidos a escrever o que aprenderam, o que ficou como conhecimento adquirido ao longo das aulas.

Nesse sentido, as atividades integradoras desenvolvidas pelo PIBID têm dado ênfase aos elementos da cultura negra que permaneceram ao longo do tempo na formação das famílias, nas relações comerciais e na organização da cidade, como a grande participação na formação do Mercado Público, por exemplo. A ideia é fomentar nos alunos a curiosidade, estimulando-os a pesquisar e interagir nas aulas, inserindo-os na sua própria história.

A história do povo esquecido

Neste momento, apresentamos algumas das ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2013. Iniciamos solicitando que os alunos construíssem cartazes distinguindo determinados lugares e elementos culturais que integram a cidade, identificando os conceitos de patrimônio material e imaterial. As crianças foram divididas em grupos e receberam nomes de lugares de Porto Alegre, como Mercado Público, Praça da Alfândega, Parque Farroupilha e Teatro São Pedro, e nomes de alguns elementos culturais, como chimarrão, churrasco,



grenal e samba. Em um cartaz, deveriam diferenciar quais palavras fazem parte do patrimônio cultural material e imaterial. Essa abordagem serviu para fazê-los entender que a memória está muito ligada aos patrimônios, pois, de alguma maneira, a lembrança de um lugar ou uma expressão usada nele faz parte da memória que ele carrega, o constituindo e o tornando único.

Como apoio para introduzir alguns aspectos da história da cidade, utilizamos o livro “Porto Alegre - a capital dos gaúchos” (FISCHER; SIMÕES, 2007), no sentido de apresentar uma narrativa que desse suporte aquilo que falávamos em aula e tornasse lúdica a maneira de abordar a temática. Como o foco do PIBID, em 2013, é valorizar a história dos negros na constituição da cidade, alguns textos e lendas serviram de complemento ao assunto do livro. A narrativa do livro acontece de forma cronológica, mencionando como ocorreu a formação de Porto Alegre.

A história da cidade tem seu início com as marcas dos povos indígenas que habitavam o local. Importa destacar o quanto os primeiros habitantes indígenas comumente são esquecidos ao contar a história da cidade, Possamai refere-se a esse esquecimento como “memórias mantidas subterrâneas por séculos desde a ocupação europeia da região” (2010, p. 215). Destacamos em aula as expressões culturais que permaneceram da essência indígena, elementos do patrimônio cultural imaterial, como o chimarrão, artesanatos e pinturas corporais. Questionamos os alunos sobre o que eles conheciam das culturas indígenas, muitas das respostas limitavam-se a representação de um índio estereotipado, nu, de cocar e caçador. Os alunos não conheciam a importância do indígena na constituição cultural da nossa sociedade. Mostramos para eles que as histórias e princípios indígenas expressam sua característica como sociedade formada, sem se classificar como superior ou inferior a algo e a alguém, mas ensinando o valor que a natureza lhe propunha. Como dizem Bergamaschi e Almeida, “os povos indígenas podem contribuir com saberes e conhecimentos profundos do universo, da natureza, das sociedades, dos seres e das coisas”. (2013, p.12)

Apesar do livro “Porto Alegre - a capital dos gaúchos” iniciar falando dos indígenas, eles não são citados ao longo do livro. Por isso, as bolsistas se preocuparam em mostrá-los atualmente, relatando a sua presença em territórios localizados em Porto Alegre. Também comentamos a situação de alguns deles que vendem seus artesanatos no centro da cidade. Muitos dos alunos contaram que já haviam visto os indígenas no Parque da Redenção e na Rua da Praia, dessa maneira, entendiam a cultura indígena como algo limitado a esses lugares, desconsiderando a sabedoria e o conhecimento dessas culturas.



Após discutirmos a participação do indígena na formação de Porto Alegre, foi realizada uma atividade de busca de elementos e conceitos dos primeiros habitantes. Em um cartaz, uma bolsista, escreveu palavras sugeridas pelos alunos que estivessem relacionadas às culturas indígenas. Os discentes participaram com dedicação, expressando o conhecimento adquirido, a atividade serviu para avaliar o que os estudantes haviam aprendido sobre a formação e características do povo indígena. Depois, sugerimos que em grupos eles redigissem um pequeno texto, utilizando algumas das palavras mencionadas. O cartaz, além de relembrar as aulas anteriores, serviu para orientá-los a atividade de escrita do texto sobre o assunto estudado. Todas as produções expressaram o entendimento dos alunos referente às culturas e vivências indígenas, mas um dos grupos questionou se poderia criar um texto contando como seria se eles fossem indígenas e não tivesse havido a vinda dos europeus para a região. O texto foi criativo e contou com a participação dos integrantes do grupo, que expressaram o que iriam fazer sendo um indígena.

A chegada dos casais açorianos, seguindo a sequência temporal, foi o próximo assunto. Abordamos a sua vinda para a futura cidade de Porto Alegre, pois os casais foram importantes na colonização e miscigenação de culturas, deixando características dos seus costumes relacionados, por exemplo, à agricultura e arquitetura. Esta aula aconteceu com a leitura de uma parte do livro referido anteriormente.

Entretanto, fomos além, pois a constituição da cidade de Porto Alegre é marcada pelas relações que se estabeleceram entre várias culturas. O PIBID Pedagogia, que focou suas ações na valorização do povo negro, inseriu na história da Guerra dos Farrapos a participação dos negros, em específico na Batalha dos Porongos. Através de relatos pouco conhecidos, especialmente pelos alunos, sabe-se que, durante a guerra que ocorreu no Estado, havia um grupo chamado de Lanceiros Negros que lutou a favor dos farroupilhas. Em troca de sua participação nas batalhas, foi lhes prometida liberdade. Como fonte de pesquisa buscamos, site na internet, como o artigo da Revista de História intitulado “Escravos Farrapos” (OLIVEIRA; SALAINI, 2010)².

Desse modo, procuramos dar visibilidade a outra parte da história, ainda pouco valorizada, quando se fala do povoamento de Porto Alegre e, conseqüentemente, do Rio Grande do Sul. Na maioria dos casos, os livros didáticos se atêm aos feitos de alguns homens, por causa de sua posição social e econômica, deixando de mencionar aqueles que muito participaram na história da coletividade. Isso nos faz lembrar do poema de Brecht “Perguntas

² <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/escravos-farrapos>



de um trabalhador que lê”, quando o autor indaga “Aonde estavam os pedreiros na noite em que a Muralha da China ficou pronta? No livro só constam os nomes dos reis. Arrastaram eles os blocos de pedra?” Trazendo para a história do Rio Grande do Sul, especificamente a Guerra dos Farrapos, podemos indagar “Por que os Lanceiros Negros foram durante tanto tempo esquecidos?”

Tornar conhecidos os Lanceiros Negros nas aulas do PIBID foi relevante, pois permitiu desmistificar a ideia do negro ser somente escravo e sujeito aos outros. Aos poucos, os alunos conheceram esse grupo que teve grande importância nas batalhas que ocorreram na Guerra dos Farrapos. Assim, foi possível reconhecer o negro como cidadão, mesmo os lanceiros estando subordinados aos comandantes, sua participação representa um ato heroico e bravo.

Envolver os negros na Guerra dos Farrapos foi uma maneira oportunista dos estancieiros da região terem combatentes, mesmo que as suas motivações fossem a liberdade. Porém, não seria vantajoso que esses homens fossem livres e os estancieiros ficassem sem mão de obra barata, assim, na Batalha dos Porongos houve uma emboscada contra os lanceiros, algumas pessoas acreditam que foi iniciada pelos próprios comandantes deles. O massacre matou muitos lanceiros, ocorrendo o fato dias antes do final da guerra no estado. Os alunos ficaram admirados ao ouvir o relato da batalha, muitos deles não conheciam esse episódio da Revolução Farroupilha que está diretamente relacionado ao povo que compõem a nossa sociedade. Percebemos que para os alunos foi algo importante a aproximação dessa outra história identificada ao papel dos Lanceiros, foi um marco, pois a posição passiva da escravidão foi transformada, os negros não serviam só como escravos, mas representavam a possibilidade de incremento do exército farroupilha, constituíam um povo com ideais que almejava uma vida *normal* como qualquer outro indivíduo, porém tinham que se submeter a autoridade de quem se achava superior.

Os alunos ficaram admirados ao ouvir essa história, pois julgaram a situação como uma falta de responsabilidade e comprometimento dos comandantes farroupilhas. Mas em seus comentários questionaram o porquê nunca haviam escutado nada sobre os Lanceiros Negros, justificando que era uma história importante. Depois de alguns encontros, relataram que contaram para os pais sobre a Batalha dos Porongos, e estes também não conheciam o ocorrido e consideraram muito interessante a presença dos Lanceiros Negros. Isso nos faz pensar na importância dos temas tratados em aula extrapolarem os muros da escola e chegarem até as casas dos alunos, nos parece que assim os conteúdos passam a ter sentido.



Ao observarmos as reações dos alunos, constatamos que na escola pouco se contempla as histórias do povo negro, há omissões graves, como no caso da Guerra Farrroupilha. Entendemos que tornar conhecidas histórias como essas é uma maneira de abordar a valorização das diferenças étnicas, como também sendo um jeito de aproximar cada discente das suas ancestralidades.

Porto Alegre do negro

Após abordarmos a participação do negro na Guerra dos Farrapos, o foco das aulas foi no sentido de explorar a formação da cidade de Porto Alegre, destacando nos lugares e nas expressões culturais características do povo afrodescendente. Inicialmente, explicamos aos alunos a história da Igreja das Dores, uma das mais antigas da cidade e que carrega uma lenda sobre um negro escravizado que trabalhou na sua construção. Como fonte de pesquisa da lenda e da história da igreja, analisamos o site da Igreja das Dores³, que dispõe das referências e informações necessárias para conhecer o local.

A lenda conta que um senhor da região, Domingos José Lopes, enviou seu escravo para trabalhar na construção da igreja. O escravo, Josino, que trabalhou na construção foi acusado de roubar tijolos e outros materiais. Como escravo, ele não tinha direito a defesa, sendo condenado à morte. No terreno em frente à igreja ficava a praça central que servia de local para as execuções públicas em 1857, onde havia o pelourinho e a forca.

No dia em que seria executado, Josino se declarava inocente. Ele rogou uma praga, dessa forma, disse que o seu senhor não veria a construção das torres da igreja concluída, sendo um castigo pela crueldade e injustiça. A obra da igreja levou mais de 100 anos para ser concluída, o que contribuiu para que a lenda se confirmasse. As torres originais não foram construídas, quando o arquiteto autor faleceu as novas torres foram projetadas no estilo gótico. A igreja ficou pronta em 1901, onde foi colocado um cruzeiro de ferro na fachada como forma de coroação ao fim da obra.

Para contar a lenda, construímos um teatro de sombras que narrava os acontecimentos na igreja em forma de suspense. Como muitos dos alunos não conheciam a história, a dinâmica propôs uma melhor compreensão da história.

O objetivo dessa contação era relacionar a presença dos negros a lugares históricos de Porto Alegre, mostrando aos alunos a participação do negro não só como escravo, mas ligado

³ <http://www.igrejasdores.org.br/sites/igrejasdores/>



à cultura da cidade. Durante o teatro, houve bastante concentração, pois, para eles, a lenda contava novidades sobre uma igreja que já conheciam. Questionaram sobre a real existência da história, foi explicado que como era uma lenda pode-se haver alguma verdade relatada e que pela demora da construção havia uma possibilidade de ser verídico.

Na sequência, o Mercado Público foi um dos lugares explorados na aula, como muitos alunos já conheciam o local, relataram suas vivências dentro daquele ambiente. Os relatos foram gravados como forma de registro daquilo que eles já sabiam. Nas aulas sobre o Mercado, narramos a sua história, inaugurado em 1869 para abrigar o comércio de abastecimento da cidade. O Príncipe Negro é um personagem que marca a história do local. Custódio Joaquim de Almeida era um príncipe que na época da escravidão veio para Porto Alegre no início do século XX, estabelecendo-se na Cidade Baixa, local de resistência da cultura negra na cidade de Porto Alegre. O príncipe era conhecido por promover festas religiosas e aconselhar importantes figuras políticas da época, como Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. No Mercado Público, ele assentou o orixá Bará, como forma de proteger o local em um ritual religioso, que permanece até hoje. Cabe destacar que muitas das fontes de pesquisa foram realizadas em sites na internet⁴. O Mercado Público dispõe de uma página na internet⁵ com informações referentes ao local, com a história, fotos e curiosidades desde a sua fundação até assuntos atuais.

Os alunos ficaram muito admirados com os relatos sobre a enchente de 1941, que deixou muitos habitantes desabrigados e desempregados. Os incêndios de 1912, 1976 e 1979 também foram eventos curiosos que despertaram interesse pelo Mercado Público. Nas aulas, foram lembrados alguns dos significados do local para a cidade, sendo ponto turístico, o comércio, os restaurantes e pela presença de várias representações culturais.

Uma das atividades realizadas foi a gravação de depoimentos dos alunos referentes ao Mercado Público. Todos os discentes já conheciam o lugar ou tinham alguma informação sobre ele, por isso, a gravação serviu como registro visual das bolsistas que pretendiam compor um vídeo a partir do assunto estudado. Durante a gravação alguns alunos falaram com propriedade sobre o Mercado Público, comentando os lugares que gostam de ir ou contando da experiência de algum conhecido naquele lugar.

⁴ http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=31

⁵ <http://www.mercadopublico.com.br/>



Para os alunos, aprender sobre o Mercado Público, que é um ponto importante da história de Porto Alegre, é uma maneira de conhecer a cidade em que vivem. Podemos dizer que o Mercado é um ícone da história da capital do Rio Grande do Sul. As vidas daquelas crianças de alguma forma estão ligadas à cultura e às características do Mercado Público, pois é lá que se compram mantimentos ou é lugar de trabalho de pessoas conhecidas. O PIBID procurou despertar algumas aprendizagens sobre esse lugar de Porto Alegre, assim, cada aluno aprendeu a respeitar o Mercado Público e valorizá-lo, como espaço raro da cidade que fez parte da sua existência.

O PIBID Pedagogia continua abordando em suas ações aspectos relevantes referentes à Porto Alegre, explorando seus patrimônios culturais, como prédios ou ruas que estão ligadas à história e formação da cidade. Na sequência das aulas, falamos sobre a Praça da Alfândega, que foi o local do antigo porto fluvial. Como de costume, as aulas seguiram dialogando com o conhecimento dos alunos onde as bolsistas planejam os encontros se aprofundando nos temas abordados.

Tornar conhecida a história do povo negro em Porto Alegre é nosso objetivo ao longo ano, procuramos, assim, contemplar a participação de atores sociais que estão ligados à formação da capital, mas que não são valorizados por questões raciais. A partir dos assuntos relacionados ao ensino de História, o PIBID desenvolve as aulas valorizando a cultura presente na vivência dos alunos e tornando conhecida a formação e história da cidade que eles vivem. Por isso, torna-se importante o trabalho realizado pelas bolsistas, levando assim, o aluno a conhecer as suas memórias e se inserir dentro da história.

Avaliando as ações planejadas e executadas nesse período de trabalho na Escola Venezuela, identificamos a marca do ensino de História no PIBID Pedagogia, pois os temas que escolhemos trabalhar dialogam diretamente com os saberes deste campo de conhecimento, por vezes pouco valorizado nos anos iniciais de escolarização.

Ao priorizarmos em nossas ações as memórias pessoais, os patrimônios da escola e suas interfaces com os patrimônios de Porto Alegre, procuramos manter uma sintonia com os temas que haviam sido trabalhados no PIBID desde 2010. Pensamos em trabalhar a escola e a cidade como “lugares de memória”. Para Pierre Nora, “[d]esde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história”. A memória, para o autor, se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993, p. 9). Desse modo, a intenção é incluir as histórias dos povos indígenas e afrodescendentes dentro dos contextos da escola e da cidade.



Ao levar os alunos a refletir sobre as suas memórias, os bolsistas, mostravam como a história de cada um está ligada a cultura de uma região, movida a história de onde se está inserido. Entender a formação de Porto Alegre e a participação do negro nela é uma maneira de conhecer a cidade como ela está hoje, que elementos culturais a compõem e como podemos se sentir participantes deste lugar. Para os alunos, que estão em fase de conhecimento da sua identidade, esse processo de conhecimento é uma maneira de se aceitar e estar aberto a dialogar com as diversas formas de culturas existentes.

Para os bolsistas estudar a cidade que moramos e que serve como capital do Rio Grande do Sul, tem se tornado uma maneira de prestigiar quem se empenhou e deixou sua marca ao longo dos anos. Podendo assim, mostrar que uma lembrança e uma memória possuem valores não só sentimentais, mas históricos para quem não viveu no tempo em que ela ocorreu. Percebesse que os alunos, durante as aulas, identificaram-se com o que lhe é falado, entendo o quanto a História está ligada a trajetória da sua família e a sua. Ao desenvolver as aprendizagens, fazendo com que os alunos compreendam e se insiram na História, os bolsistas atingem a necessidade e interesse dos educando, sendo uma dos objetivos almejados.

Referências

- BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). **Caderno de Atividades PIBID Pedagogia**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.
- FISCHER, Luis Augusto; SIMÕES, Julia da Rosa. **Porto Alegre - a capital dos gaúchos**. São Paulo: Cortez, 2007.
- FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araujo Fernandes**. Brinque Book, 1984.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, 1993.
- PILETTI, Felipe. História: **Rio Grande do Sul – 4º ou 5º ano**. São Paulo: Ática, 2010.
- POSSAMAI, Zita (org.). **Leituras da cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.
- SILVA, Carmem Rangel da. Distendendo memórias, redescobrimo sentidos, reescrevendo identidades negras e mestiças. In. HICKMANN, Roseli (org.) **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- SANTOS, Irene (coord.). **Colonos e quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Nova Letra Gráfica, 2010.

Recebido em Julho de 2013
Aprovado em Agosto de 2013